
EDUCAÇÃO FÍSICA

**ALEXANDRE MARTINEZ PARDO DE ASSIS
PINTO**

**O RACISMO NO FUTEBOL: O PRECONCEITO NA
TRANSIÇÃO DO FUTEBOL AMADOR PARA O
PROFISSIONAL NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930**



Rio Claro
2020

ALEXANDRE MARTINEZ PARDO DE ASSIS PINTO

O RACISMO NO FUTEBOL: O PRECONCEITO NA TRANSIÇÃO DO
FUTEBOL AMADOR PARA O PROFISSIONAL NAS DÉCADAS DE
1920 E 1930

Orientador: Profº Dr. Adalgiso Coscrato Cardozo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio
Claro, para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.

Rio Claro
2020

P659r

Pinto, Alexandre Martinez Pardo de Assis

O racismo no futebol: o preconceito na transição do futebol amador para o profissional nas décadas de 1920 e 1930 / Alexandre Martinez Pardo de Assis Pinto. -- Rio Claro, 2020

33 p. + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientador: Adalgiso Coscrato Cardozo

1. Racismo no Brasil. 2. Racismo no futebol. 3. Negro no futebol. 4. Futebol na década de 1920. 5. Futebol na década de 1930. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Agradecimentos

Gratidão. É quando alguém lhe faz algo positivo, seja ajudar, apoiar ou apenas desejar bom dia, onde você reconhece e agradece. Mas penso que essa palavra tenha um significado além. Gratidão é olhar no olho de alguém e agradecer por fazer o bem, ser grato. Entender que a pessoa quer o seu bem, dar um abraço e falar uma simples palavra, que tem um significado imenso, “obrigado”.

Para começar, obrigado professor Adalgiso. Por me orientar de forma, calma, tranquilizadora e serena, pois a jornada até aqui não foi nada fácil. Ajudou a me acalmar para poder realizar esse trabalho da melhor forma possível.

Obrigado também aos meus amigos, em especial ao Breno e o João, que a partir das aulas de licenciatura, ficaram do meu lado, sendo excelentes anos de graduação e amizade. Ao Maurício, que apesar de nos vermos com menos frequência, sempre parou para me ouvir e aconselhar. Ao Whey, que em um Inter, pude conhecer e ver como seu coração é enorme, tornando uma pessoa muito importante na minha vida. Ao Babá, onde tínhamos o mesmo sonho, fomos atrás e reerguemos a Torcida Organizada Sangue Rosa, onde nela, vi o quanto posso ser um bom líder, ter mais confiança e não ter medo de enfrentar os problemas. A Gabi, que em tão pouco tempo, se tornou aquela amiga que posso contar tudo e ouvir bons conselhos, além de boas risadas. Todos, considero irmãos que Rio Claro me deu e levarei para o resto da minha vida. Amo vocês.

Obrigado em especial ao Renan Scopinho, que além de amigo e treinador, foi uma das pessoas que mais acreditou no meu potencial e mais deu oportunidades. Sou grato a todas experiências, ensinamentos e conhecimentos que já transmitiu e ainda transmite.

O obrigado de agora vai para dois grupos de amigos muito especiais. Não tem como falar de amizade sem falar deles. O primeiro são os Nelsinhos. Chico e Benda, amigos que surgiram na escola, existem até hoje e se depender de mim, para sempre. Toda vez que nos vemos, são excelentes risadas e histórias. São minha válvula de escape quando preciso esquecer Rio Claro. O segundo grupo é o Everest. Murilo, Luiz, Pedro, Benny e César, vocês estiveram do meu lado desde a primeira vez que fui para Rio Claro, foram muito importantes na minha jornada e são muito

importantes na minha vida, com muitas histórias para contar. Quero levar vocês para sempre. Posso dizer que esses dois grupos também são meus irmãos e amo muito vocês.

Obrigado agora a uma pessoa que entrou na minha vida e sou eternamente grato por isso, Bia, que além de ser minha namorada, foi a pessoa que mais me ajudou a realizar esse trabalho. Aguentou todas as minhas crises de ansiedade, os choros e a insegurança. Sem você, talvez não tivesse forças para chegar aonde estou. Nunca saiu do meu lado, sempre esteve presente, sempre riu das minhas piadas sem graça, me levantou em muitos momentos, me fazendo enxergar o quanto sou capaz. Você é muito importante para mim, sabe disso. Eu te amo muito.

Obrigado a minha família, minha base, sou o que sou hoje graças a vocês. Em especial ao tio Edson, minha maior referência masculina, pessoa que admiro muito. A minha madrinha Rosana e a minha avó Didi, que sempre me apoiaram em tudo e me ensinaram muito. Ao meu avô Eloy e minha tia Nena, que mesmo não estando mais entre nós, sou eternamente grato pelo tempo que vivi com vocês. Amo demais essa família e tenho muito orgulho.

Por último, sem dúvida a pessoa mais importante, minha mãe Silvana. A pessoa que eu mais admiro no mundo, você é minha inspiração. Sou eternamente grato por tudo que já fez e faz por mim. Com certeza é a principal responsável por me fazer quem sou hoje. Sinto muito orgulho da pessoa que você é. Amada e respeitada por muitas pessoas, o maior coração do mundo. Eu te amo.

Escrever esses agradecimentos foi difícil. Pois todos os citados, fizeram da minha vida melhor, cada um do seu jeito, da sua forma. Espero que essas palavras, de alguma forma, tenham expressado o que sinto. Termino esse texto do jeito que comecei, escrevendo uma palavra que resume tudo, gratidão.

RESUMO

O Brasil é um país onde há muita miscigenação. Porém, não dá para dizer que todos viveram ou vivem em harmonia. Um motivo disso é o racismo, que existe a mais de séculos no país e vem sendo uma luta para quem sofre o mesmo. O negro faz parte da história brasileira, mas essa história tem capítulos de muito sofrimento, principalmente na época da escravidão. O meio esportivo sempre foi um local de muito preconceito, onde o futebol que faz parte da cultura brasileira desde seus primórdios no país, foi um esporte elitista, no qual apenas a alta sociedade branca podia jogar e frequentar. Por meio de muito esforço e contra todo um sistema eugenista, os negros que praticaram esta modalidade brigaram por espaço no esporte. Grandes personagens do futebol e times serão citados nesse estudo como Leônidas da Silva e Domingos da Guia, jogadores que marcaram época na década de 1930. O trabalho irá contar das décadas de 1920 e 1930 durante o processo de transição do amadorismo para a era profissional.

Palavras-chave: Racismo no futebol. Negro no futebol. Futebol brasileiro na década de 1920. Futebol brasileiro na década de 1930.

ABSTRACT

Brazil is a highly miscegenated country. However, it can't be stated that all of us live or have lived in harmony. One reason for that is racism, which have existed for centuries here and have brought a big struggle for those whom suffer from it. The black man is part of Brazilian history, but a history with chapters of much pain, mainly during slavery times. The sports environment has always been a place of prejudice, and while soccer plays a big role in Brazilian culture since its beginnings, it also has been a very elitist sport, for a time allowing only white and high society people to play and attend. Through a huge effort and faced against a whole eugenicist system, black people fought for their rightful space in this sport. Great soccer characters and teams will be referenced in this study, such as Leônidas da Silva and Domingos da Guia, players who left a big mark in soccer at the 1930s. This paper will count from the 1920s to the 1930s during the transition process from amateurism to professionalism in soccer.

Key-words: Racism in soccer. Black people in soccer. Brazilian soccer in the 1920s. Brazilian soccer in the 1930s.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVO	10
3. MATERIAL E MÉTODOS	11
4. REVISÃO DE LITERATURA	12
4.1 Racismo no Brasil	13
4.2 Negro no futebol brasileiro	17
4.3 Racismo no futebol brasileiro	21
4.4 Futebol brasileiro nas décadas de 1920 e 1930	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6. REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil veio através dos imigrantes ingleses. Um dos grandes percursores do futebol no país é Charles Miller, que trouxe o esporte para São Paulo.

Aqui, só tomaríamos contato com o *football* em 1894. Charles W. Miller, brasileiro filho de ingleses, estudava em Londres. Ao voltar para o Brasil (São Paulo), em sua bagagem trouxe uma bola de futebol. Praticante e entusiasta do esporte, Charles Miller tratou de difundi-lo entre os ingleses residentes em São Paulo que se interessavam mais pelo jogo de cricket. (CALDAS, 1994)

Com a chegada deste esporte no país a elite se apropria do mesmo, o futebol passa a se tornar parte da alta sociedade dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda com Caldas (1994) “Ao contrário do que possa hoje parecer, o futebol brasileiro nasce e se desenvolve entre a elite.”, as pessoas que frequentavam os locais dos jogos sempre estavam bem vestidas, eram comuns celebrações e cerimônias realizadas pela alta sociedade branca.

Para Koch (2012), esse esporte chegou no país como forma de lazer nas folgas dos marinheiros ingleses. Pessoas que vinham da Europa, traziam consigo materiais do futebol, como bolas, uniforme e até livro de regras, sendo assim, uma forma fácil de atrair o interesse de todas as pessoas.

A elite inglesa não era a favor da profissionalização do futebol, pois acreditavam que devia ser um esporte sem influência do dinheiro para o mesmo, como uma saída para a alta sociedade ter o controle da prática futebolística. Um exemplo disso era no Rio de Janeiro, que na federação do campeonato carioca, os atletas não podiam jogar sem ter um emprego. Pois acreditavam que se o jogador não tivesse um emprego fora do futebol, poderia estar ganhando para jogar, de acordo o documentário “” Brasil Football Club” – A história do futebol brasileiro” (2018). Outra forma de mostrar o domínio dos ingleses era que os termos usados nos jogos eram em inglês e não traduzidos para a língua portuguesa (BRASIL FOOTBALL..., 2018)

O primeiro clube fundado apenas para o futebol foi o Fluminense, onde os jogadores eram jovens de boa renda, de famílias de destaque no Rio de Janeiro e sócios do clube. Tinha também o Botafogo, outro time fundado na mesma época, que era formado por jovens com o mesmo padrão elitista. Nesse período surgiu um time de futebol chamado Bangu, que fugia dos padrões dos times cariocas, pois era formado por trabalhadores brancos, negros e mestiços. (BRASIL FOOTBALL... 2018). O que causa um grande transtorno no cenário futebolístico.

Esse rebuliço, tem relação com o que Fernandes (2007) menciona, que com a abolição o negro é inferiorizado socialmente, pois mesmo não podendo ser escravizado, não impediu que a sociedade o menosprezasse.

Fato que é levado também ao futebol. Outros times que não eram compostos apenas por jogadores da classe alta começaram a surgir, marcando uma época diferente no futebol brasileiro, fazendo com que clubes com padrões elitistas não aprovassem.

“Mas a divulgação do futebol para sua prática entre as classes populares no final da década de 20 já é suficiente para que alguns jogadores negros e mulatos cheguem aos clubes de primeira divisão”. (LOPES, 1994)

O que ajudou a alguns clubes que não eram compostos apenas pela elite a fazerem sucesso foi a popularização do futebol, onde jogadores negros e de baixa renda tiveram oportunidades de mostrar seu talento e seguirem uma carreira no esporte apesar das dificuldades.

O racismo no futebol é um fato que perdura até nos dias de hoje, como em alguns casos mencionados por Bolson (2016), envolvendo jogadores como por exemplo o goleiro Aranha em 2014, que atuando pelo Santos, em um jogo contra o Grêmio, foi vítima de racismo por parte da torcida gremista, com gritos de “macaco”.

No Brasil, o racismo nesse esporte é um tema que vem desde sua chegada no país. Esse trabalho relata um pouco da trajetória dos negros no futebol, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, com o intuito de trazer alguns autores que tratam sobre esse tema, que extremamente relevante para a sociedade.

Para começar, é importante enfatizar o racismo no Brasil, onde existe desde quando aconteceu seu descobrimento, na vinda dos primeiros escravos (GARAEIS, 2012). Com a abolição da escravatura, no século XIX, negros acabaram ficando sem rumo, sem local de trabalho e moradia.

Muitos movimentos negros surgiram para combater esse racismo e associado a isso, o negro busca seu espaço na sociedade, onde uma das opções é o futebol.

A história do negro no futebol brasileiro é muito abundante. Clubes que tiveram negros em seu elenco, foram importantes para o esporte. Além de muitos jogadores

que marcaram época, tanto que “As representações populares do “futebol-arte” associam-no diretamente ao negro.” (Souza, 1996)

Jogadores como Fausto, mencionado por Lopes (1994), se destacaram no futebol, pelo talento, mas também por serem diferentes dos demais jogadores, ou seja, não eram brancos e ricos. Esse destaque se deve ao fato de que o futebol, chegou no Brasil pelos europeus e seus descendentes, isso significa, brancos. Surgindo um preconceito no meio desse esporte.

O que pode explicar o racismo no futebol brasileiro desde os seus primórdios, é o fato de ser um esporte elitista em sua chegada no país. O documentário Brasil Football... (2018) relata que negros e pobres eram excluídos por conta disso, mesmo assim alguns clubes tentavam tê-los nas equipes causando muita polêmica. Os poucos jogadores negros da época, para serem aceitos, faziam questão de esconder sua identidade. Alguns casos de racismo envolvendo jogadores e times foram relatados ao longo desse trabalho.

Toda essa polêmica envolvendo pobres e ricos, negros e brancos, geram duas disputas no início do século XX.

Os anos 1910, 1920 e os primeiros da década de 1930 no futebol brasileiro foram marcados por duas disputas: a do elitismo versus a democratização e a do amadorismo versus a profissionalização. Na verdade, essas disputas estavam relacionadas entre si: geralmente os que queriam manter o futebol como esporte típico da elite eram os mesmos que defendiam seu amadorismo, enquanto os que buscavam democratizá-lo também lutavam pela sua profissionalização. (MAGALHÃES, 2010)

Essas décadas, principalmente as décadas de 1920 e 1930 foram importantes para a transição do amadorismo para o profissionalismo. Os pobres não tinham vez na era amadora, pois precisavam trabalhar. Então o profissionalismo era uma medida que de certa forma, faziam com que pessoas de baixa renda pudessem jogar.

Aconteceram também nos anos de 1930, as primeiras Copas do Mundo, onde Guterman (2014) conta um pouco de como foi a trajetória do Brasil nesses torneios, envolvendo atletas brancos e negros.

2. OBJETIVO

Esse estudo tem como objetivo fazer uma revisão literária e análise do futebol brasileiro nas décadas de 1920 e 1930, durante o processo de profissionalização do esporte, relacionado com a história dos negros no futebol nessa época.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Com a finalidade de estudar a história do negro no futebol brasileiro, foram realizadas pesquisas de natureza qualitativa, através de uma revisão de literatura sobre o tema, que segundo Noronha e Ferreira (2000) pode ser definido por

estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada. (NORONHA; FERREIRA, 2000)

A pesquisa qualitativa foi realizada segundo Bogdan e Biklen (1994), onde explicam através da história que esta abordagem teve início no século XIX, onde antropólogos e sociólogos pesquisavam problemas sociais da época.

Ao optar por uma pesquisa de natureza qualitativa e uma revisão de literatura, será possível analisar as discussões acerca do racismo no futebol brasileiro, quais suas implicações nessa modalidade e como os negros construíram sua história dentro de um esporte elitizado.

Buscando maior aprofundamento do tema, esse trabalho foi dividido em quatro tópicos no seu desenvolvimento para melhor exibição do assunto abordado.

Para este trabalho, foram realizadas buscas nas bases de dados SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*), Google Acadêmico e em visitas a bibliotecas físicas, documentários também foram utilizados para a elaboração do trabalho. Foram utilizados os seguintes termos para levantamento de dados para a pesquisa: racismo no futebol, negro no futebol, futebol brasileiro na década de 1920, futebol brasileiro na década de 1930 e racismo no Brasil.

4. REVISÃO DE LITERATURA

Após pesquisa e leitura sobre o racismo no futebol brasileiro nas décadas de 1920 e 1930, foram elaborados tópicos, procurando prover embasamentos teóricos sobre o tema, além do intuito de explicar o assunto para maior cognição dessa pesquisa.

Sendo assim, os tópicos selecionados para o trabalho foram racismo no Brasil, negro no futebol brasileiro, racismo no futebol brasileiro e futebol brasileiro nas décadas de 1920 e 1930. Através deles foi desenvolvido a revisão de literatura.

4.1 Racismo no Brasil

A história do racismo no Brasil se inicia logo após o descobrimento do país. Segundo Garaeis (2012),

Não existem registros precisos dos primeiros escravos negros que chegaram ao Brasil. A tese mais aceita é a de que em 1538, Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros escravos africanos. (GARAEIS, 2012)

Os escravos eram aprisionados nos lugares onde moravam no continente africano e transportados a força em viagens marítimas feitas por navios em condições precárias, onde muitos morriam durante a viagem.

Com a impossibilidade da inserção do negro em sociedade até 1888, o país cresce embasado em um “problema racial brasileiro [...] um modelo assimétrico de relações de raça.” (FERNANDES, 2007).

A assinatura da Lei Áurea da Princesa Isabel de 1888, foi um ato onde inicialmente poderia ter aberto novas portas para uma sociedade mais igualitária, porém após sancionada a abolição se torna uma crise, “Colocando nas ruas milhares de negros que de uma hora para outra ficaram sem destinos” (Garaeis, 2012).

Com a abolição, o “negro” é colocado em uma condição social inferior à “população pobre”, quando tentava impor a si mesmo em sociedade sofria com a marginalidade social. Desta forma e sem preparo para tornar-se um trabalhador livre seu destino se dá em moradas e trabalhos periféricos, conforme Fernandes (2007).

De acordo com Risério no livro *A Utopia Brasileira E Os Movimentos Negros* (2012), os movimentos negros no Brasil podem ser colocados em duas fases. A primeira se refere ao final do século XVI até a metade do século XIX, que é contra a situação escrava. Já a segunda, se refere aos movimentos negros no início do século XX aos dias de hoje, aonde esses movimentos foram criados para terminar o trabalho começado pela abolição da escravidão. No qual pretende acabar com a discriminação, diminuir o desequilíbrio social e a conquista total da cidadania. A segunda parte dos movimentos foi criada para acabar com a pobreza e a condição proletária.

Esses movimentos relatam como foi a história do racismo no Brasil e como tem interferência até hoje. Não é à toa que a segunda fase se refere ao fato da luta para acabar com o preconceito que surgiu desde os tempos de escravidão nos séculos

passados. Foram criados para ajudar os negros a superar as dificuldades causadas pela escravatura.

Os negros após a abolição não tinham terras para cultivar no campo e não obtinham educação na cidade, com isso não conseguiam adentrar na sociedade. Não eram trabalhadores qualificados, marginalizados socialmente, se envolvendo até com crime e prostituição, segundo Risério (2012).

Reforçava-se a falácia de inferioridade. O preconceito de cor. Em síntese, o negromestiço fora sentenciado à pobreza, privado de meios para vencê-la e ainda era acusado pela situação em que se encontrava, atribuindo a miséria à sua raça. E o que era ainda mais cruel: convertia-se muitas vezes no seu próprio juiz, culpando-se e maldizendo-se pela vida miserável que levava. (RISÉRIO, 2012)

Os negros não tiveram escolha, a não ser viver em uma classe baixa, devido ao racismo. Eram tidos como inferiores em relação a quem não era escravo, com isso eles sofriam, tendo que se adaptar a uma vida de miséria.

Conforme Risério (2012), a ascensão social para os negros era um caminho praticamente impossível. Surgiram protestos e reivindicações negromestiças coletivas através de pessoas que conseguiram uma ascensão chegando na classe média. Os negros começaram a falar que tinham direitos, buscaram ser aceitos no mercado de trabalho, ter igualdade como cidadãos. Uma revolta que tem relação com os movimentos negros é a primeira revolta tenentista. Os tenentes não falavam só como o exército, diziam ser as aspirações nacionais, pois o movimento tinha uma grande simpatia popular, envolvendo socialistas, comunistas e anarquistas, aonde defendiam a autonomia e a organização das classes trabalhadoras. Foi nesse momento que o povo ingressou no cenário político nacional, e no meio do povo estavam os negros. Nessa época, traços do racismo científico começam a surgir, onde alguns países e pessoas de classe abastada usavam o pensamento de superioridade racial para promover a expansão colonialista e de classe, mas antropólogos, historiadores e arqueólogos desmentiam essa tese de que existia uma superioridade racial ariana. O racismo científico era usado para os fortes explorarem os fracos.

O termo citado acima nesse trabalho, que é o racismo científico, tem o seguinte significado, segundo Santana e Santos (2016),

O racismo científico foi uma doutrina que, se apresentando universal e racional, afirmava que existia hierarquia entre as raças humanas. A ideia

subjacente era promover a raça ariana como desenvolvida, inteligente e mais apta para governar as outras raças. (SANTANA; SANTOS, 2016)

De acordo com Costa (2007), o racismo científico era hierarquizado, ou seja, para definir posições sociais, ter uma hierarquia sem ter leis específicas. Esse pensamento é devido a dominação de um grupo sobre o outro, no caso a dominação dos brancos (europeus) sobre os demais povos, que graças a isso, por exemplo, os negros eram excluídos socialmente, tratados como limitados e responsabilizados pelo atraso do Brasil. Um exemplo forte do racismo científico no país foi a política de imigração no final do século XIX e início do século XX, que favorecia a vinda de europeus e vetavam a chegada de colonos negros e amarelos. Nessa época, tinham a ideia de preencher o vazio demográfico do país e imigrantes de regiões sem ser da Europa eram tidos como perigosos para a nacionalização, então a preferência para imigrar era total dos europeus. Isso é fruto de uma política de branqueamento que usou o racismo científico, resultando na entrada de muitos brancos no país.

O racismo científico surge no país como forma de inferiorização dos negros em relação aos brancos para a dominação dos mesmos, surgindo assim uma desigualdade racial imposta pela sociedade europeia.

Para Santana e Santos (2016), a desigualdade racial chegou no Brasil na época da reestruturação do Estado liberal republicano. Intelectuais diziam que negros e índios eram problemas para o país se tornar civilizado. Para o pensamento científico europeu em relação a sociedade brasileira (que era diferente da europeia), tanto no aspecto racial, quanto no geográfico, sendo uma mistura de raças e a qualidade do solo e do clima respectivamente, eram obstáculos para o desenvolvimento do país. Os intelectuais brasileiros, deixaram o foco do clima de lado, focando na questão racial como principal problema para o atraso no desenvolvimento. Com Gilberto Freyre, na década de 1930, surgiu uma visão social e racial nova no Brasil. Surgiu através do Estado Novo, a importância da homogeneização étnica e cultural. Surgiu a expressão “raça brasileira”, no qual defendia a heterogeneidade na formação do “homem novo”. Esse pensamento era oposto das teorias racistas do século XIX, se tornando uma miscigenação positiva.

Outro termo que envolve o racismo no Brasil, é a eugenia, que conforme Maciel (1999),

A eugenia é um conjunto de ideias e práticas relativas a um “melhoramento na raça humana” ou como foi definida por um de seus seguidores, ao “aprimoramento da raça humana pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade” [...] justificativa para práticas discriminatórias e racistas. No Brasil ganhou vulto nas primeiras décadas do século XX, pois seus pressupostos forneciam uma explicação para a situação do País (que seria de um “atraso”) e, ao mesmo tempo, indicava o caminho para a superação dessa situação. (MACIEL, 1999)

Segundo Santana e Santos (2016) nos anos de 1920 os eugenistas acreditavam que os habitantes do Brasil, não deixavam de ser imperfeitos pela visão das leis de hereditariedade. Por isso era necessário um conjunto de ações para a regeneração do país, que seria fazer os brasileiros fortes e belos, diferentemente de doentes e feios. A eugenia no começo do século XX se preocupava com o controle populacional de ex-escravos em processo de proletarização. A miscigenação para os intelectuais da época era considerada um mal insanável e o país totalmente inviável.

Em meados das décadas de 1920 e 1930, começam a surgir alguns movimentos negros, por exemplo a Frente Negra Brasileira (FNB)

Durante a primeira metade do século 20, a FNB foi a mais destacada entidade negra no Brasil, com um programa preestabelecido de luta, visava conquistar posições para o negro em todos os setores da sociedade brasileira. (LEITE, 2017)

Atrelado a assimetrias sociais, o negro busca permanecer de forma integral na sociedade elitista e opressora que o cerca. Como exemplo, no surgimento dos primeiros times de futebol, onde negros não podiam praticar o esporte, e mesmo assim, como atos de resistência, começam a surgir os primeiros protagonistas negros neste meio.

4.2 Negro no futebol brasileiro

Neste subtema serão mencionados alguns atletas negros e times que fizeram história no futebol brasileiro. Ícones que fizeram parte do esporte no início do século XX, como Francisco Carregal, Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

Francisco Carregal foi um dos primeiros negros a jogar em uma equipe de futebol e na Liga Metropolitana. Ele trabalhava como tecelão na fábrica de tecidos de Bangu e começou a fazer parte do time de futebol da cidade, o Bangu Atlético Clube (BRASIL FOOTBALL..., 2018).

Além desse jogador, o Bangu, conforme Risério (2012), naquela época, começou a barrar os ingleses do time, onde mestres, engenheiros e técnicos perderam espaço para os operários. A escalação da equipe foi mudando de cor, com a aparição de jogadores mestiços brasileiros.

Outro time que foi muito importante nesse tema do negro no futebol brasileiro, foi o Vasco,

Fundado como um clube de remo em 1898, fundiu-se com o Lusitânia, um time formado apenas por portugueses, em 1915. Desde 1904, no entanto, o clube já mostrava uma face moderna e desafiadora: teve o primeiro presidente negro da história das agremiações cariocas, Cândido José de Araújo. Levando-se em conta que os clubes da então capital brasileira tinham sotaque inglês e pele clara. (GUTERMAN, 2014)

Não foi só esse feito, o Vasco montou na época um “time de negros” para ter uma equipe a altura dos “times de elite” e conseguir disputar campeonatos. O clube foi montado com os melhores jogadores do subúrbio carioca, tendo jogadores negros no elenco. Isso deu resultado quando foram campeões estaduais no ano de 1923.

A narrativa de Mário Filho conta, igualmente, como esta estrutura elitista que dominou o futebol brasileiro nos seus primórdios veio a ser quebrada. Na Capital Federal, os marcos desta ruptura foram os triunfos do Vasco da Gama no campeonato de 1923, do São Cristóvão no de 1926, e do Bangu no de 1933. Todos eram clubes de origem popular, com sedes no que então se consideravam ‘bairros periféricos’ da cidade, e contavam com numerosos jogadores negros, mulatos e de origem humilde. (FILHO, 2010)

Esses times fizeram história por serem campeões e ter origem onde não eram bairros elitistas. Com jogadores pobres e negros, começaram a mostrar que o futebol não era só feito para a elite e sim para todas as classes.

Um jogador que fez história para Risério (2012), mesmo que de forma involuntária, por ser negro, foi Friedenreich. Apesar de ter feito o gol do título do Sul-

Americano de 1919 pela seleção, se tornou popular por ser um pouco diferente dos demais jogadores, ou seja, o fato de ser negro, apesar de ele não querer ser. Se tornando o primeiro ídolo do futebol brasileiro.

Um outro exemplo é o ex-jogador Fausto. Jogava no meio-campo, tinha muitas qualidades. Começou sua carreira no time de Bangu em 1926. Foi para o Vasco sendo campeão em 1929. Em 1930 disputou a Copa pelo Brasil e foi considerado um dos maiores jogadores do torneio, ganhando até o apelido de “Maravilha negra”. Como queria fugir do amadorismo, fez sua carreira na Europa, atuando na Espanha e na Suíça. Em meados da década de 1930 voltou para o Brasil e atuou novamente no Vasco. Chegou a jogar no Flamengo antes de encerrar a carreira. (LOPES, 1994).

Segundo o documentário *Brasil Football...* (2018), na década de 1930, jogadores negros começam a se destacar e colaboram para que o Brasil tenha um estilo de jogo próprio, marcado pelo mundo inteiro. Jogadores como Leônidas da Silva, sendo o melhor jogador da Copa do Mundo de 1938 e Domingos da Guia, grande zagueiro da história do futebol brasileiro, chegando a fazer carreira no Boca Juniors, um dos maiores times do futebol argentino.

De acordo com Lopes (1994) Domingos da Guia, iniciou a carreira no time do Bangu, onde o levou a atuar pela seleção brasileira e fez sucesso em um torneio contra o Uruguai em 1932. Sua atuação fez ter ofertas de outros clubes nesse ano, mas preferiu permanecer no Bangu devido ao amadorismo, onde tinha um emprego no subúrbio que o clube arranhou para ele e não queria abandoná-lo. Tempos depois, ainda na era amadora, o Vasco o contrata e faz pagamentos disfarçados. Jogou na Argentina, Uruguai e voltou para o Brasil para jogar novamente no Vasco. Em seguida vai para o Flamengo, onde se torna ídolo. Jogou no futebol paulista e encerrou a carreira no Bangu. Já Leônidas da Silva, iniciou sua carreira no Bonsucesso, pequeno clube do Rio de Janeiro, mas devido suas atuações foi logo convocado para a seleção, disputando também o torneio de 1932, se destacando, marcando gols e ajudando na vitória. Jogou no Uruguai, mas logo voltou ao Brasil para atuar no Botafogo, onde sua chegada causou polêmica por ser negro. Após isso foi para o Flamengo onde também se tornou ídolo, ganhando o apelido de “Diamante negro”. Em seguida, jogou no São Paulo, que com sua chegada, fez aumentar o público nos jogos da cidade. Ambos fizeram história pelo estilo de jogo. O primeiro, tinha classe, bom desarme, sabia sair

jogando, driblando os jogadores adversários, já o segundo era mais livre, criativo, parecia dançar em campo, famoso também por inventar a jogada “bicicleta” que era um chute no ar.

Eles, assim como Fausto, sofreram por serem negros, mas fizeram história no futebol brasileiro em uma época em que o esporte era visto apenas para brancos e ricos, facilitando minimamente a trajetória de jogadores negros naquela época. A longo prazo, suas carreiras serviram de exemplo para a representatividade de negros no futebol.

Esses três jogadores mencionados acima, jogaram juntos no time do Flamengo no final da década de 1930. “Flamengo se firmou como o time mais popular do país, exibindo o futebol de suas novas contratações: Lêonidas da Silva e Domingos da Guia” (RISÉRIO, 2012). Fausto é mencionado por Lopes (1994), o autor ainda afirma que esses três jogadores mudaram a fama do clube, se tornando amado pelas classes populares e mais numerosas, ganhando até a alcunha de “o mais querido”.

Não tem como falar do futebol brasileiro e mundial sem falar do negro. Como já dito, o negro ajudou o Brasil a ter um estilo de jogo próprio. O maior exemplo de negro no esporte é simplesmente Pelé,

Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer barreiras raciais do que Pelé. Tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da Terra. Quem bate palmas para ele, bate palmas para um preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como a avó, como o tio, como os irmãos. Para exaltá-los, exalta o preto. Por isso é mais do que um preto: é ‘o Preto’. Os outros pretos do futebol brasileiro reconhecem-no: para eles Pelé é ‘o Crioulo’. (FILHO, 2010)

Pelé é visto como o maior ídolo não só pelo seu futebol, pela sua carreira, mas também por não negar suas origens. Diferentemente de outros jogadores, não tentava esconder sua cor da pele, muito pelo contrário. Isso fez dele um ícone no esporte brasileiro.

Tanto os jogadores mencionados acima, quanto tantos outros atletas negros, deixaram um legado no futebol nacional e mundial, moldando o estilo do Brasil jogar

pela própria história de sucesso de negros e mulatos no futebol brasileiro, representa-se o nosso estilo de praticá-lo, como fundado em supostas características naturais desses jogadores de ascendência negra. (SOUZA, 1996)

Por mais que esses ídolos tenham feito história, todos sofreram com o preconceito. Esse assunto não é exclusivo do futebol, o racismo existe no país a muitos séculos. Mas através desse esporte podemos ver como negros e pobres sofreram no Brasil.

4.3 Racismo no futebol brasileiro

Para abrir a discussão acerca do tema é importante citar o livro “O Negro no Futebol Brasileiro” de Mário Filho, um dos autores principais sobre o racismo no esporte do país. Filho em suas primeiras páginas já coloca a dificuldade que os negros tinham para integrar o futebol brasileiro “O jogador preto não podia aprender com o professor. [...] Assim o preto, quando aprendia, era quase sozinho” (2010).

O racismo no futebol brasileiro é algo que existe desde o final do século XIX e início do século XX pelo fato de ser um esporte elitista na época, onde negros e pobres não podiam jogar. Isso se tornou ainda mais forte quando o time de Bangu colocou na equipe o jogador Francisco Carregal que era negro, causando um desconforto na sociedade futebolística elitista e com isso surge uma lei no estado do Rio de Janeiro, impedindo que negros e mestiços jogassem em times principais da Liga Metropolitana. (BRASIL FOOTBALL..., 2018).

Mas logo teve início a apropriação popular do futebol. Moleques e malandros começaram a bater bola ao ar livre, onde fosse possível. A simplicidade das regras (dezessete, apenas) facilitava a popularização do novo esporte. E a bola podia ser feita de quase qualquer coisa. (RISÉRIO, 2012)

Por se tornar um esporte onde, pessoas que não eram de classe alta tinham acesso, mesmo com a bola sendo de qualquer material, era fácil de se praticar, se tornando inevitável a popularização do esporte, ou seja, começa a deixar de ser elitizado. Porém isso não significa que todos podiam jogar sem o preconceito da alta sociedade.

Os jogadores negros no início do século XX tentavam encobrir sua identidade para serem aceitos no meio esportivo. Um exemplo disso foi o jogador Carlos Alberto que jogou no América e Fluminense, onde nesse último ele usava pó de arroz para se maquiar e esconder seus traços, porém conforme ele jogava, o suor tirava a maquiagem e as torcidas adversárias usavam isso como motivo de chacota, (BRASIL FOOTBALL..., 2018).

Um caso marcante de racismo no futebol, Lopes (1994), foi quando dirigentes do América fizeram um acordo com um jogador negro com o apelido de Manteiga, que era da Marinha e foi convidado para trabalhar no comércio de um dos dirigentes e jogar no time. Alguns jogadores do América, como forma de protesto, quando Manteiga no seu primeiro jogo começa a se arrumar para jogar, abandonam o

vestiário. Além disso, alguns atletas pediram demissão pela contratação do novo jogador.

Com todo esse preconceito, os próprios atletas negros se viam obrigados a agir de forma que a elite os aceitasse, como foi o caso do exemplo do jogador do pó de arroz. O esporte que era segregado, só para brancos e ricos, quando começa a se tornar popular, ou seja, negros e pobres começam a jogar, a classe alta não aceita e gera todo esse preconceito.

Ao acompanhar essa caminhada popular no sentido da incorporação do futebol ao seu repertório lúdico-cultural, não podemos deixar de parte as práticas e atitudes racistas que ocorreram, devidamente sublinhadas pelos estudiosos do assunto. De início, não havia lugar para pretos, só para “bem nascidos” nos times. Já na transição do amadorismo para o profissionalismo, na década de 1920, as restrições aos negromestiços começaram a se atenuar. Ainda assim, muitas agremiações resistiram. (RISÉRIO, 2012)

Para Risério (2012) alguns clubes aristocráticos não aceitavam negros nos seus times, como no Rio de Janeiro, que Fluminense, Botafogo e Flamengo que barravam os jogadores. No estado de São Paulo por exemplo, o Paulistano, fechou a seção de futebol para não ter que aceitar negros no time. Além desses, muitos estados tinham times que não aceitavam, como no Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Ceará e no Pará. Praticamente em todo o país existiam clubes que não permitiam negros a jogarem o esporte.

Com evidências aristocráticas, ou seja, com a dominação do poder de uma classe social que contém privilégios, os clubes não queriam que negros e pobres praticassem um esporte que até então era apenas para brancos e ricos, deixando claro a defesa do amadorismo no esporte, os pensamentos racistas e a exclusão social.

Segundo *Brasil Football...* (2018) quando o Vasco da Gama foi campeão carioca em 1923, formado pela maioria de seus jogadores pobres e negros. Gerou uma revolta e o time foi banido da federação carioca de futebol.

Essa exclusão do Vasco da federação, significa para Helal, Soares e Lovisolo (2001) que o amadorismo, se torna sinônimo de racismo, por decretar critérios de participação por meio de critérios de distinção social, sendo que as camadas populares continham negros e mestiços.

Nessa época, tinham outros clubes parecidos com o Vasco, que pegavam os trabalhadores de classe baixa para jogar nas equipes e completavam o elenco, mas Lopes (1994) explica que esses times não dificultavam a vida dos times grandes nos campeonatos, devido ao fato de que, os operários que jogavam no time, não tinham tempo livre para treinar por causa do trabalho, diferentemente dos atletas burgueses que jogavam nos grandes clubes. O Vasco foi exceção porque tiveram o apoio de comerciantes portugueses ricos, que contratavam os jogadores para trabalhar nas fábricas, lojas ou armazéns e eram liberados para os treinos em uma espécie de internato.

Com tempo para treinos, os atletas do Vasco marcaram história vencendo o estadual. Isso afetou os times mais fortes que eram formados por atletas de elite. Como na época o esporte ainda era amador, deram um jeito de banir o clube.

Outro caso de racismo no futebol foi na década de 1930, de acordo com *Brasil Football...* (2018), quando o Flamengo contratou grandes atletas negros do cenário futebolístico brasileiro, isso foi motivo para as torcidas adversárias gritarem que o time do Flamengo era o “pó de carvão”.

Para explicar o caso de o Flamengo ter essa alcunha, Lopes (1994) conta que nasceu entre a rivalidade entre o Fluminense, onde um clube surgiu de uma desavença do outro. Além disso, esse grito de “pó de carvão” se relaciona com o grito de “pó de arroz” feito para o jogador do Fluminense Carlos Alberto anos antes, como forma de resposta.

Ainda na década de 1930, mais especificamente na primeira Copa do Mundo, no Uruguai, Guterman (2014) afirma que para poder ir bem na competição, as seleções precisavam levar os melhores jogadores, mesmo eles não sendo ricos ou brancos. O negro uruguaio Andrade, por exemplo, foi o craque da Copa. A seleção brasileira também levou jogadores negros para representar o país.

A Copa no Uruguai demonstrou que os negros podiam sim praticar futebol com os brancos, jogando de forma igual ou até melhor. Não é à toa que algumas seleções levaram jogadores que não faziam parte da classe alta.

De acordo com Risério (2012), com a profissionalização, para o negro, chutar uma bola era um ato de liberdade, as partidas se tornaram trabalho e relacionou-se

com a independência dos escravos, sendo que no Brasil nunca existiu equilíbrio de uma ética puritana do trabalho. A presença do negro nos jogos se tornou indispensável. Mas isso criou conflitos psicológicos, pelo fato de que no jogo, o que valia, não podia valer para a vida. Dentro das quatro linhas, o negro provou sua igualdade, sua capacidade, mas fora do campo de futebol, era marginalizado pelos próprios clubes. Isso significa que a democracia racial que foi encontrada no futebol, não foi encontrada na sociedade brasileira.

A Copa do Mundo de 1938, teve dois fatos que merecem ser mencionados. Um é o racismo fora do país, mais especificamente a xenofobia, onde os europeus viam os atletas brasileiros com malabaristas sem técnica e incapazes de vencer. Como eles sendo o futuro moderno e os sul-americanos como primitivos. A resposta desses “primitivos” foi dada em campo, com boas atuações. O outro fato, nessa Copa, foi que a boa atuação do Brasil fez o futebol servir como expressão vantajosa na democracia racial, (GUTERMAN, 2014).

A xenofobia durante a competição, só demonstrava quanto o esporte era exclusivamente elitista na época em que surgiu no Brasil no final do século XIX e no começo do século XX. E a boa campanha do país na Copa ajudou mesmo que superficialmente a democracia racial no Brasil.

Um caso muito marcante da memória do brasileiro foi a derrota para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950 (Apesar do estudo ser das décadas de 1920/30, não se pode deixar de citar esse episódio), mas o que realmente ficou marcado foi o ato de racismo pós copa. As pessoas usavam a miscigenação como culpada, acusavam os atletas negros pelo vice-campeonato no torneio mundial, como por exemplo o goleiro Barbosa.

Basta lembrar que a derrota do Brasil em 50, no campeonato mundial de futebol, provocou um recrudescimento do racismo. Culpou-se o preto pelo desastre de 16 de julho [...] A prova estaria naqueles bodes expiatórios, escolhidos a dedo, e por coincidência todos pretos: Barbosa, Juvenal e Bigode. Os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada. (FILHO, 2010)

Por chegar como esporte elitista no país, sendo que a elite era formada por brancos, o racismo infelizmente era comum naquela época. Culpavam os negros pelos fracassos. Eles tinham que se virar para dar certo no esporte, pois não contavam com nenhum apoio.

Todo esse tema de racismo no futebol brasileiro, tem uma relação com o período das décadas de 1920 e 1930, pois essa época foi um tempo de mudanças nesse esporte no país.

4.4 Futebol brasileiro nas décadas de 1920 e 1930

O futebol no Brasil lutava pela profissionalização dos jogadores, mas o amadorismo era muito forte, pelo fato de que era um esporte elitizado, fazendo com que só jogassem homens de classe alta. Porém durante os anos de 1920 isso foi se perdendo, já que a profissionalização era muito pressionada. De acordo Guterman (2014)

O futebol brasileiro entrou nos anos 1920 sob crescente pressão para se profissionalizar, e a defesa do amadorismo para manter intacta a elite do esporte, impedindo que trabalhadores entrassem nos times que disputam campeonatos oficiais foi tomando ares de passado. (GUTERMAN, 2014)

A elite se sentiu pressionada com a inserção de classes inferiores no futebol. Alguns times começaram a colocar nos seus elencos, jogadores que não faziam parte da classe alta, como o Vasco em 1923, onde Vieira (2003) relata que o time utilizou vários atletas negros no conjunto. Isso abalou os valores da classe dominante branca, já que o clube começou a ter sucesso no campeonato estadual carioca.

Conforme Guterman (2014), no início do século XX, os clubes se interessavam cada vez mais por vencer. Com isso era necessário ter os melhores atletas. Sendo assim, jogadores de classe baixa tinham propostas para melhorar tanto financeiramente, como socialmente. Isso causou algumas polemicas e um exemplo é que na Liga Paulista de Futebol, um grupo queria que os times fossem formados apenas por homens ricos, já um outro grupo defendia que todos tinham direitos de jogar, sendo rico ou pobre.

Ainda com Guterman (2014), alguns times como o Paulistano e o Mackenzie saíram da Liga Paulista de Futebol e criaram a Associação Paulista de Esportes Atléticos, início da atual Federação Paulista de Futebol. Mesmo com isso, fez com que trabalhadores se tornassem peça chave para uma rivalidade entre os clubes, devido a eles serem jogadores que mesmo sem dinheiro, poderiam garantir a vitória. Naquela época, cada jogador para jogar nos campeonatos, precisavam ser trabalhadores. Já que muitos atletas não tinham emprego e eram peça importante para os times, começaram a inventar empregos fictícios. Outra forma de incentivar o jogador, eram prêmios pela vitória. Isso não era permitido nas regras, só que com o grande crescimento popular do esporte nos anos de 1920, resultando um esporte para todos, fazia com que os times fugissem das leis para serem os melhores. Com o futebol se tornando popular, diferente das duas primeiras décadas do século XX que era um

esporte elitizado, os intelectuais brasileiros começaram a associar o futebol como a identidade nacional.

Com o objetivo de vencer campeonatos e a popularização do futebol, os times se aproveitaram para montar elencos mais fortes. Magalhães (2010) diz que as torcidas tiveram importância nessa época, pois pressionavam os clubes a ir atrás dos melhores jogadores. Devido a isso, foi necessário chamar atletas de classes mais baixas, mesmo com a relutância da classe dominante. Esse fato, foi determinante para o futuro do esporte no país nos anos seguintes.

Para Guterman (2014), a Copa de 1930 foi um evento marcante para o futebol brasileiro. O Brasil foi para o Uruguai disputar o campeonato de forma desorganizada, devido a uma briga pelo domínio do futebol no país entre paulistas e cariocas, onde a Associação Paulista de Esportes Atléticos não gostou de que a comissão técnica era formada apenas por cariocas e vetou a participação de seus atletas para a Copa. Apenas um atleta dos times de São Paulo conseguiu disputar a competição, Araken brigou com o time que ele jogava, o Santos, e foi junto com os cariocas.

Nessa Copa o Brasil não chegou a ir tão bem, apenas uma vitória e um sexto lugar no torneio. Essa campanha demonstrou a falta de preparação. Já em 1934, na Copa do Mundo, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) levou apenas jogadores amadores para disputar. Paralelo a isso, uma nova federação formada por paulistas e cariocas, crescia com o desafio de combater o amadorismo, não permitindo seus atletas a disputarem a Copa. O desespero da CBD foi tão grande, que chegou a oferecer dinheiro aos jogadores para irem ao torneio, indo contra os seus princípios. Porém não funcionou. A seleção foi eliminada no primeiro jogo. Isso foi o estopim para acabar com o amadorismo no futebol brasileiro. Muitos jogadores saíram do Brasil para atuar fora, nos países que já pagavam os atletas. Em 1932, jogadores se manifestaram para que pudessem ir para clubes com melhores propostas, deixando de serem como mercadorias para os clubes, queriam seus direitos. (GUTERMAN, 2014).

Um dos fatores que apressou o advento do profissionalismo, aliás, foi a exportação de jogadores brasileiros para o exterior. A crioulada começou a ser contratada em número cada vez maior para jogar lá fora. (RISÉRIO, 2012).

Isso foi determinante para a profissionalização do esporte porque, segundo Risério (2012), os clubes queriam vencer e aumentar a torcida, já que o futebol era

acompanhado por milhares de pessoas. Isso fazia com que os times pagassem os jogadores talentosos de origem pobre e impedissem os atletas de jogarem fora do país, mantendo os craques no futebol brasileiro. Devido a isso, o profissionalismo se tornou necessário. Quando ocorreu em 1933.

A competição entre os clubes aumenta com o profissionalismo e o princípio da caça aos melhores jogadores, qualquer que seja sua origem social ou racial, torna-se progressivamente generalizada entre os clubes (LOPES, 1994)

A profissionalização do futebol no país, melhorou um pouco o aspecto para atletas negros e pobres, pois agora eles recebiam legalmente para isso e não precisavam mais serem “trabalhadores” de fábricas e empresas. Isso também deixou os clubes mais competitivos, contratando os melhores jogadores e esses tendo mais tempo para treinar.

Em 1938, o Brasil foi para mais uma Copa do Mundo, na França, sua terceira. Guterman (2014) afirma que a seleção foi bem mais organizada em relação a Copa passada, além de melhor disposição. No seu elenco, tinha atletas negros e brancos, tendo Lêonidas da Silva como figura principal. Para os Europeus, o Brasil era considerado um país exótico e sem muita força no futebol. Porém, o esporte já estava forte na cultura brasileira, de modo que já tinham jogadores craques a ponto de decidir um jogo a nível continental. A seleção ganhou de grandes seleções europeias, como a Tchecoslováquia, chegando até a semifinal do torneio, perdendo para a Itália, atual campeã, em um jogo com a diferença de apenas um gol.

Nessa Copa, dois fatores foram determinantes para a boa atuação do Brasil. A profissionalização do futebol no país, que ocorreu anos antes e a miscigenação do elenco. Esses fatos demoraram para acontecer devido ao racismo, no qual, esse esporte era praticado apenas por brancos e ricos, excluindo pobres e negros.

As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pela transição do amadorismo para o profissionalismo, pela miscigenação do esporte e pelas atuações da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1930, 1934 e 1938, onde cada uma teve sua peculiaridade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo no Brasil não começou no futebol, vem de muito antes, começando pela escravidão, vindo também através do racismo científico e da eugenia. Isso influenciou que os negros sofressem no esporte, ainda mais por ser uma prática da elite.

Os brancos menosprezavam os negros, se recusando inclusive a jogar lado a lado. Chegou-se ao ponto de existir leis para que nem todos pudessem jogar. Com o passar dos anos, tiveram algumas mudanças positivas, mas não ao ponto de acabar com todo o sofrimento.

Apesar de todo o racismo que os negros sofreram, se tornaram símbolo do futebol do país, fazendo história no esporte brasileiro e mundial, como o caso de Leônidas da Silva, Domingos da Guia, o time do Vasco de 1923 e algumas atuações de jogadores em Copas. Isso prova que inferiorizar alguém pela sua cor é algo desumano.

A profissionalização do futebol ajudou o negro a praticar o esporte de forma igual aos demais jogadores, não precisando necessariamente de outro emprego, podendo viver apenas como jogador, mas não impediu de acabar com o preconceito, tanto que existe até hoje no Brasil e no mundo. Porém as décadas de 1920 e 1930, foram importantes para a luta contra o racismo.

Os casos de racismo citados no trabalho, foram só alguns de muitos outros que ocorreram durante toda a história do esporte, infelizmente sendo comuns no cenário futebolístico. Apesar de ter seu início a mais de um século, a luta para acabar com esse preconceito está apenas começando. A situação no mundo e no Brasil que é um país miscigenado, é grave, pois mesmo o racismo sendo crime, não deixa de existir. Os exemplos de superação e de luta de antigamente, servem de inspiração para outros negros que sofrem na sociedade.

6. REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOLSON, Bibiana Hegele. **A folha de são paulo e o racismo no futebol brasileiro: análise das coberturas jornalísticas nos casos desábato/grafite e patricia moreira/aranha**. 2016. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6906#preview-link0>. Acesso em: 16 fev.2020.
- CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 40-49, 30 ago. 1994.
- COSTA, Hilton. Hierarquias brasileiras: a abolição da escravidão e as teorias do racismo científico. In: TERCEIRO ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2007. p. 1-13. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/hilton%20costa.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2020.
- FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. 2. ed. rev. São Paulo: Global, 2007. 313 p.
- FILHO, Mario Rodrigues. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 338 p. E-book.
- GARAEIS, Vítor. **A História da Escravidão no Brasil**. [S. l.: s. n.], 13 jul. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>. Acesso em: 28 ago. 2019.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 270p.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. 168 p. E-book.
- KOCH, Rodrigo. De virada é mais gostoso? Rupturas e deslocamentos na trajetória do futebol brasileiro. **Esporte e Sociedade**, Niterói, ano 7, n. 20, p. 154-174, set. 2012. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/271055_es2007.pdf. Acesso em: 16 fev. 2020.
- LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. **A Frente Negra Brasileira**. [S. l.: s. n.], 14 dez. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira-2/>. Acesso em: 28 ago. 2019.
- LOPES, José Sergio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada - A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n.22, p. 64-83, jun.-ago, 1994 Disponível em: <file:///C:/Users/dell/Downloads/26960-Texto%20do%20artigo-31333-1-10-20120621.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 121-130, jul. 1999. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13. fev. 2020.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Ensino & Memória, 2010. 192p. Disponível em:

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/assets/publicacao/anexo/historias_do_futebol.pdf. Acesso em: 19 fev. 2020.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

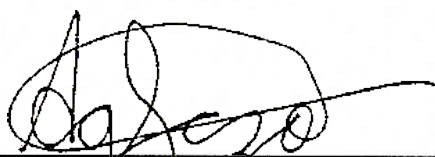
QUEIROZ, Dulce; STEFANELLI, Roberto. "Brasil Football Club" - A história do futebol brasileiro. **Youtube**, 11 mai. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLtRmNtde8Y>. Acesso em: 15 fev. 20.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. 437p.

SANTANA, Nara M. C; SANTOS, Ricardo Augusto dos. "Projetos de modernidade: autoritarismo, eugenia e racismo no Brasil do século XX". **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 58, p. 28-38, jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.7440/res58.2016.02>. Acesso em: 13 fev. 2020.

SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 109-152, abr. 1996. Trabalho apresentado durante a XX Reunião Brasileira de Antropologia (ABA), em Salvador, de 14 a 18 de Abril de 1996, em um grupo de trabalho "Gênero e Raça". Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1864/1985>. Acesso em: 11 maio. 2020.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, v. 1, n. 42, jan-jul. 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/dell/Downloads/62-182-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

ASSINATURAS

Prof. Dr. Adalgiso Coscrato Cardozo
Orientador



Alexandre Martinez Pardo de Assis Pinto
Discente